

"A evolução sem limites
É que arrebenta a represa
Levando tudo que existe
Na força da correnteza
Onde o Tio Sam dá palpite
Não resta pão sobre a mesa
Pois nenhum povo resiste
À morte da natureza
Pois nenhum povo resiste
À morte da natureza"

Trecho da música 'Desde os tempos de Sepé', de Pedro Ortaça.

REDE POPULAR
E SOLIDÁRIA
DO MORRO
SANTANA



COMISSÃO DE
LUTA
DOS ATINGIDOS
DE ALEGRETE



Capa: Tharcus Aguilar
Ilustrações: Coletivo Pintelute Desterro

CARTILHA DE ORIENTAÇÕES E MÉTODOS DE ORGANIZAÇÃO POPULAR PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE ABRIGO.



REPÓRTER POPULAR. ATENEU LIBERTÁRIO A BATALHA DA VÁRZEA.
COMISSÃO DE LUTA DOS ATINGIDOS DE ALEGRETE.
RESISTÊNCIA POPULAR. REDE POPULAR E SOLIDÁRIA DO MORRO SANTANA

INTRODUÇÃO

Este material faz parte de um esforço coletivo para ajudar a pensar formas de organização popular nos abrigos e espaços solidários, que foram criados de forma urgente, em razão das consequências dos eventos climáticos extremos que atingiram quase todo o território do Rio Grande do Sul.

Queremos contribuir com sugestões, orientações e ideias práticas de organização popular, solidariedade e apoio mútuo que serão necessárias para nós, enquanto população atingida, para irmos superando aos poucos os estragos materiais e humanos.

Este texto não serve como manual ou receita mágica. Aqui apresentamos, resumidamente, ideias de autonomia e organização popular, democracia direta, solidariedade de classe, entre outras ideias que já foram testadas na prática e tiveram bons resultados.

Sabemos que as estruturas institucionais não dão conta das demandas mais urgentes do nosso povo, seja por falta de vontade política, seja por incompetência ou por péssimas gestões administrativas. O interesse desses setores nunca foi salvar vidas, pois passaram por cima de tudo aquilo que poderia ter evitado ou amenizado a tragédia que sofremos. Quando a água afundou as cidades e milhares de pessoas foram atingidas, os primeiros gestos de socorro e ajuda vieram do próprio povo. É o povo salvando o povo, na força da solidariedade de classe.

**LUTAR POR VIDA E MORADIA DIGNA!
É O POVO SALVANDO O POVO!**



**REPORTERPOPULAR.COM.BR
@REPORTERPOPULAR**

SÓ O POVO SALVA O POVO

E essa frase “Só o povo salva o povo”, o que isso quer dizer? Significa que os governos e grandes empresários estão apenas apagando o incêndio da crise que eles mesmos alimentam (com desmatamento, monocultura, especulação imobiliária, etc.), e que os políticos se preocupam apenas com a formação de grupos que sustentem seus lugares na política institucional.

“Só o povo salva o povo” quer dizer que precisamos nos organizar coletivamente, com independência e autonomia popular, para não apenas suportar as dores, mas para cobrar e construir as condições para sair dessa com força e dignidade. Esta frase é nosso grito de guerra, que não pode cair nas bocas de oportunistas, negacionistas e dos setores que ajudaram a afundar nossas comunidades. Este lema é dos de baixo, é um bordão dos oprimidos, não das elites, nem de pretensos candidatos.

NOS ABRIGOS EMERGENCIAIS

Os abrigos emergenciais surgiram por iniciativa de entidades diversas, como grupos religiosos, direções de escolas e prefeituras. Eles atendem pessoas que perderam muito e precisam de acolhimento e garantia das suas necessidades básicas. Voluntários são muito importantes nesse processo, mas acreditamos que as pessoas desabrigadas também podem participar do funcionamento desses espaços.

Na maioria dos abrigos, centenas de pessoas estão vivendo de forma improvisada em ginásios e espaços que, muitas vezes, necessitam de cuidados coletivos. Nessa situação trágica, somente a organização dessas pessoas por elas mesmas, somente a organização popular e o sentido coletivo que ela gera podem fortalecer a luta por uma vida digna, desde o abrigo até o retorno da existência fora dele.

AUTOGESTÃO NOS ABRIGOS EMERGENCIAIS

Um abrigo emergencial cria demandas similares aos trabalhos de cuidado e manutenção de uma casa: cozinha, limpeza, segurança, saúde, comunicação, infraestrutura, abastecimento (por meio da triagem de doações), cuidados com as crianças, cuidado com os animais, etc. As pessoas abrigadas podem se dividir em grupos e participar ativamente desses cuidados.

A partir do envolvimento dos grupos nas tarefas do abrigo, pode-se conversar sobre o que funciona e o que não funciona. Com isso, o espaço vai se tornando mais confortável e harmonizado às necessidades e preferências da comunidade que se forma, mesmo em uma situação de urgência.

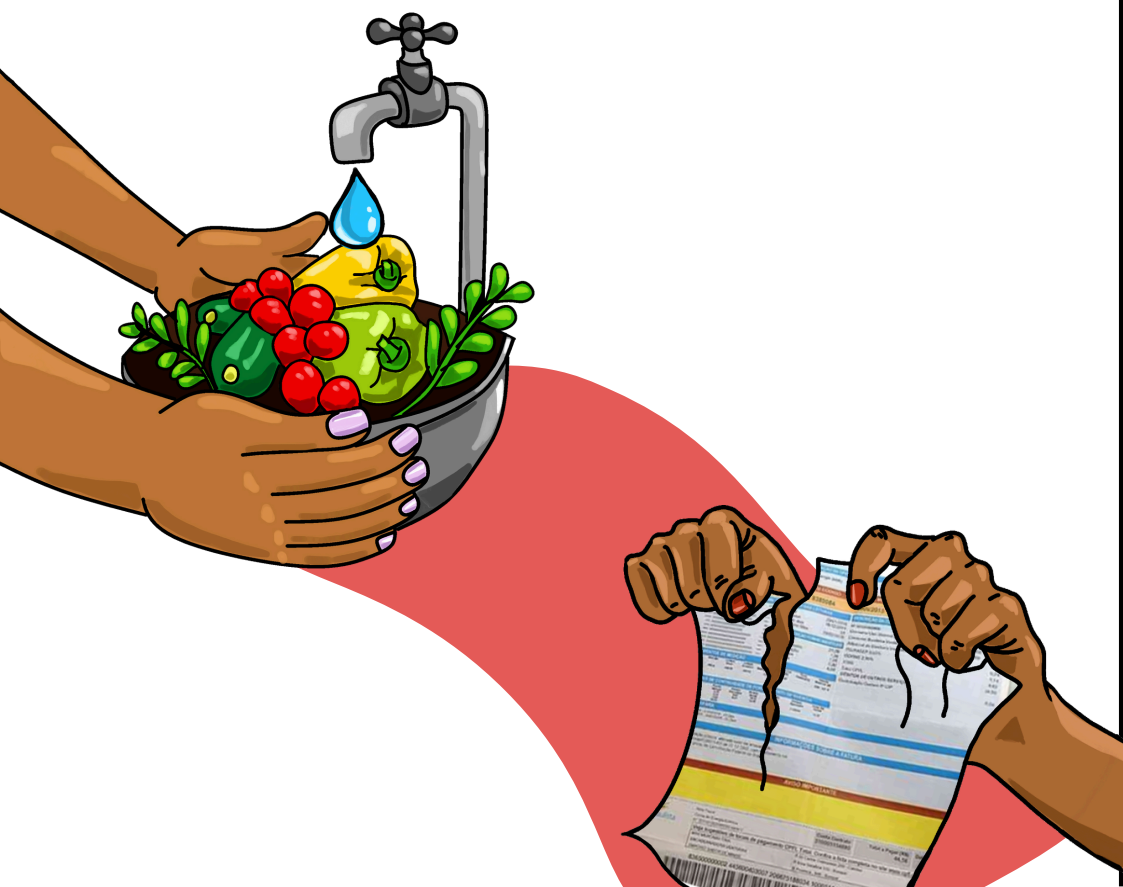
Além de melhorar a lida das tarefas cotidianas, formar equipes de trabalho ajuda na convivência entre as pessoas, fortalecendo os laços de solidariedade que tanto importam diante de uma crise climática.

E QUEM PERDEU TUDO E NÃO TEM PARA ONDE IR?

A vida nos abrigos emergenciais é difícil e deve ser temporária. Será preciso cobrar das prefeituras alternativas para a população que não tem para onde ir, ou que receia voltar para áreas com risco de inundação. As cidades precisam ser reocupadas e repensadas, principalmente depois do que vivemos. A população atingida tem que ser protagonista nas decisões sobre suas comunidades e na retomada de seus lares, onde houver segurança para voltar.

Se governos se mantiverem incompetentes e negligentes com as questões ambientais e de estrutura para prevenção de catástrofes, a ocupação urbana e rural de locais seguros para as famílias pode ser uma alternativa para preservar a vida das pessoas mais pobres. Há muitos espaços ociosos, casas vazias, prédios e terrenos abandonados, e temos o DIREITO e a dignidade de ocupar esses locais, para que cumpram uma legítima função social.

E também deve ser assim em relação a tudo mais que nos envolva. Precisamos conquistar tudo com ação direta, desde água, luz, comida, saneamento básico, transporte público e o que mais se fizer necessário para que a gente viva bem, muito melhor do que antes da catástrofe.



As equipes de trabalho constroem o cotidiano do abrigo. Elas avaliam as tarefas e tomam decisões em conversas coletivas, dialogando também com as pessoas que solidariamente se dispuseram a ajudar a organizar e manter os abrigos.

As pessoas atingidas pelas enchentes podem e devem reivindicar direitos e se organizar para não deixar que outras pessoas decidam sobre suas vidas. A solidariedade do voluntariado deve se encontrar com a humanidade das pessoas afetadas, que depois de todas as perdas decorrentes da enchente, não podem perder também a sua autonomia.

Voluntários, coletivos e organizações solidárias fomentam a autonomia do povo. Do outro lado, há gente oportunista, de má-fé e/ou com interesses eleitorais. Do nosso ponto de vista, é o povo pelo povo, se ajudando, se reconstruindo como força social e decidindo coletivamente, que garantirá que saiamos todos mais fortes dessa catástrofe.

AS ASSEMBLEIAS

É nas reuniões gerais, ou assembleias, que as equipes de trabalho se encontram. Elas podem acontecer diariamente ou a cada dois dias, conforme a necessidade de cada abrigo. Nas assembleias são discutidos problemas gerais e tomadas as decisões que envolvem toda a comunidade. Elas podem ser intercaladas com as reuniões das equipes: num dia se faz a divisão de grupos e tarefas (varrer/limpar; atuar na comida, ajudar com as crianças, e por aí vai), e no outro dia uma reunião geral/assembleia, para avaliar e encaminhar as necessidades do coletivo, saber se os grupos estão funcionando, traçar os rumos e tomar as decisões necessárias.

É importante que haja um grupo disposto a coordenar e fazer as anotações das assembleias e de cada reunião das equipes. Esse grupo ou dupla deve ajudar a criar um ambiente que inclua a todos, no qual todos possam falar em seus tempos determinados, e deve poder dizer **COMO, QUANDO, ONDE e POR QUEM** as tarefas decididas serão executadas.

AÇÃO DIRETA POR VIDA DIGNA

Ao sair dos abrigos, cada comunidade que já existia, ou que vai se formar, vai saber do que precisa para ter uma vida digna. E será preciso experimentar formas de exigir e construir cada uma dessas coisas, pois, como sabemos, as pessoas que têm os recursos e o poder para atender as nossas demandas não fazem parte das nossas comunidades.

Pode ser que, mesmo depois de tudo isso, as obras necessárias para proteger a cidade e sua gente demorem a começar. Sabemos cada vez mais sobre o funcionamento e a importância da manutenção de mecanismos de proteção contra alagamentos, e precisamos seguir conversando sobre isso. Temos que exigir (com manifestações nos nossos bairros, aulas públicas, assembleias, ou como acharmos melhor) que cada passo desses processos que mudam as nossas vidas sejam decididos e aprovados por nós: os recursos, a urgência, a manutenção...

QUANDO A ÁGUA BAIXAR

O momento de voltar para casa e ver os efeitos das águas é muito doloroso. Fica difícil saber por onde começar! Será preciso muita força para retomar as coisas e seguir. A solidariedade e o apoio mútuo são fundamentais para nos fortalecer.

MUTIRÕES DE LIMPEZA

Cobrar das estruturas públicas materiais de limpeza, lava-jatos e tudo mais que for necessário é importante. Mas, além disso, podemos nos juntar enquanto povo para organizar, nas ruas e bairros, mutirões de limpeza das casas.

Esses grupos podem se organizar por ruas ou por grupos de afinidade, e apoiar com toda a força esse trabalho coletivo. Quem não foi atingido pelas enchentes também pode participar ativamente nesse processo.

As assembleias são o espaço onde **TODAS** as pessoas envolvidas podem avaliar as dificuldades e problemas que surgem, o que está e o que não está dando certo, e decidir sobre os próximos passos do coletivo. É onde se faz o debate sobre os acordos e desacordos, podendo-se levar a voto algum ponto específico — nestes casos, a maioria pode decidir sobre determinado assunto. Chamamos esse processo de **DEMOCRACIA DIRETA**.



GRUPOS DE APOIO AOS ABRIGOS

Uma primeira tarefa coletiva pode ser mapear os grupos de apoio: sindicatos, coletivos, associações e movimentos sociais que colaboram com o abrigo. Estes são fundamentais para a continuidade das campanhas solidárias e das doações. A partir desses grupos de apoio, podem-se formar, por exemplo:

- **Equipes jurídicas para auxiliar as pessoas abrigadas.**
- **Grupos responsáveis por pensar o repertório de atividades culturais e políticas nos abrigos e espaços solidários, pois são importantes as brincadeiras, as atividades lúdicas, a música, o teatro... E também os cinedebates sobre a situação climática, com filmes que ajudem a pensar sobre violências e abusos, sobre questões de convivência, ou apenas para descontrair em meio à dura rotina do evento traumático.**

- **Grupos que organizem atividades variadas de interesse comunitário, como oficinas de recuperação de eletrodomésticos molhados, móveis de reaproveitamento, primeiros socorros em situações de eventos extremos, etc.**
- **Grupos de apoio à saúde mental, que busquem métodos para lidar com os traumas causados pelas inundações, por situações de risco de vida e pela perda de pessoas queridas.**

O apoio à saúde mental merece uma atenção especial. A psicologia sugere que a superproteção das pessoas atingidas e, conseqüentemente, a falta de controle sobre suas próprias rotinas, também é uma forma de invalidar suas necessidades e capacidades. Portanto, a autogestão, com a formação de equipes e a divisão de tarefas, é uma forma de auxiliar a reestabelecer a autonomia e o sentido da vida dos sujeitos em contextos traumáticos.